

The book cover features a colorful, painterly illustration of a woman with a stern expression, arms crossed, wearing a black tank top and light blue shorts. To her right, a man in a blue t-shirt and pink shorts looks up with a surprised expression, his hand raised. In the foreground, a large, fluffy orange cat with a wide, toothy grin looks towards the viewer. The background is a purple wall with several papers or photos pinned to it. The overall style is expressive and somewhat surreal.

Tom S. Figueiredo

Oi! Se você é uma assombração e quer passar uns dias no nosso apartamento, de graça, entre em contato com a gente.

Mas tem uma coisa muito importante: este convite só vale pra assombração que for amiga de infância da nossa mãe, tá?

Bem-vinda
Assombração



Bem-vinda
Assombraçãõ

Tom S. Figueiredo

Bem-vinda
Assombração



Copyright © 2017 by Tom S. Figueiredo

Imagem da capa

Bem-vinda assombração (2017), óleo sobre tela de Gildasio Rodriguez

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Editora Cedraz

Coordenação de Produção do Projeto (FCBA)

Aline Sousa

Coordenação Editorial

Alessandra Pires Editorial – ME

Revisão

Maria Helena Gomes

Impressão

Gráfica Santa Bárbara – GRASB

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F493b Figueiredo, Tom S.

Bem-vinda assombração. Tom S. Figueiredo --
Salvador / Cedraz, 2017.

Imagem da capa: Bem-vinda assombração (2017), óleo
sobre tela de Gildasio Rodriguez.
ISBN 978-85-98553-58-0.

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Literatura
brasileira. I. Título.

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 028.5
2. Literatura brasileira. 869

EDITORIA CEDRAZ

Av. Dom João VI, 102, sala 203, Brotas

Salvador (BA) CEP: 40285-001

literatura@assombrada.com.br

O projeto tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Secretaria de Cultura da Bahia.

Esta obra foi selecionada pelo Edital de Apoio à Criação Literária da Fundação Pedro Calmon e tem apoio financeiro do Governo do Estado, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

Para Luciana e Toti.

O anúncio na internet

Oi! Se você é uma assombração e quer passar uns dias no nosso apartamento, de graça, entre em contato com a gente. Escreve aí embaixo seu nome e as outras coisas que a gente tá perguntando. Quando acabar, é só clicar em ENVIAR.

Moramos numa cidade grande, num prédio, não é casa, mas tem bastante espaço aqui. Você vai ter um quarto bem escuro só seu, não precisa dividir com ninguém. Mas se tiver medo de dormir sozinha, aí a gente dá um jeito, tá?

No nosso apartamento, moram quatro pessoas: papai, mamãe, eu e meu irmão, que tá aqui do meu lado, digitando comigo, me fazendo escrever tudo axim certinho, pq ele diz q este anúncio é tipo “oficial”. Nós somos bem legais, você vai ver. Tá interessada, assombração? Então coloca seus dados aí, clica em ENVIAR e espera nossa resposta. A gente entra em contato depois, entendeu?

Ah! Tem uma coisa muito importante: este convite só vale pra assombração que for amiga de infância da nossa mãe, tá? Então...

Bem-vinda, assombração!

Lucinha e Cal

I

Não fique assombrado. Seu coração está batendo rápido assim porque você não sabia que as coisas aconteceriam tão depressa. O ser humano é treinado pra achar que tudo na vida acontece len-ta-mente. Respire fundo, isso, inspire mais uma vez. Pronto. Não é medo, acredite, você não está com medo de mim, é apenas um tipo de ignorância humana que fez sua perna tremer daquele jeito. Agora que você está mais calminho, preste atenção: nem sempre a vida é lenta feito uma tartaruga. Algumas coisas acontecerão tão rápido, mas tão rápido, que você não terá nem a chance de abrir a boca e dizer “miaaaaau!”.

Não leva nem um segundo. O dedo de Lucinha acaba de clicar no botão, dando o O.K. para postar o anúncio na internet. Cal, sentado ao lado da irmã, ouve um som às suas costas e se vira para ver o que provocou aquele ruído estranho.

– Será que alguém vai responder nosso anúncio, Cal? – pergunta Lucinha, sem notar o olhar assombrado do irmão. – Eu tô com medo

das assombrações não terem internet fácil, e elas vão ficar sem ter como preencher o formulário no site. Por mim, botava nosso telefone, mas você tem razão, é perigoso colocar telefone assim pra todo mundo ficar vendo, porque tem é maluco solto na internet, né? Você tá certo, Cal, elas darão um jeito de responder, afinal de contas, assombração pode fazer coisa que a gente nem imagina, né?

Cal não responde, mas Lucinha também não percebe que o irmão continua calado. A menina é dessas pessoas que às vezes fazem perguntas e nem esperam a gente responder. Ela mesma dá as respostas, na hora, sem hesitar.

– Cal, tomara que nenhuma assombração apareça aqui do nada. No anúncio, não tem nosso endereço, mas sei lá. Aí não tem como eu não ficar com medo e com o coração saindo pela boca, a depender de quem seja. Seu Gustavo ia ter um treco na portaria do prédio. Cal, você acha que a gente deveria avisar ele que estamos esperando visita? Digo, você acha esquisito interfonar e falar assim: “Seu Gustavo, tá vindo aí umas assombrações do bem”? Não, eu acho melhor não dizer nada a ele, né?

Se Lucinha se der ao trabalho de olhar para o irmão enquanto faz tantas perguntas, perceberá que Cal não ouve uma palavra do que ela diz. Coração acelerado, queixo caído, olhos arregalados e as pernas tremendo. Há tanto problema para resolver em seu corpo que o cérebro de Cal não dá a mínima atenção ao som da voz de Lucinha, que entra por um ouvido e sai por outro, como dizem por aí.

– Cal, você não tá ouvindo nada do que eu digo, né?

– Não fique assombrado. Não precisa ter medo – diz a voz, e ouve-se um longo miado que parece vir de todos os cantos do quarto.

Quando alguém fala, duas coisas importam: quem falou e o que significa aquilo que a pessoa falou. Por exemplo, você está há 12 horas assistindo à temporada completa do seu desenho preferido e ouve

uma voz de homem gritar atrás de você: “Já pro banho!”. Se o seu pai está em casa, você tem certeza de que foi ele que falou, e não o Coelhoinho da Páscoa ou Batman. E você também sabe que é para ir para o chuveiro da sua casa, e não para a casa do vizinho ou para uma piscina de chocolate ou uma cachoeira de refrigerante. Mesmo sem se virar para trás, você tem certeza disso tudo. São estas pequenas certezas que fazem a vida da gente funcionar sem sustos. Por isso, em milésimos de segundos, Lucinha soube que algo estranho estava acontecendo. De quem era aquela voz suave e muito educada dizendo para não ter medo? Não era a voz de Cal, era de gente grande. Mas ela e Cal estavam sozinhos no quarto, a porta continuava fechada e o pai, àquela hora, estava dando aula na faculdade.

– Lu-lu-lucinha, a criatura fala... – sussurra Cal, sem tirar os olhos do ser à sua frente.

Quando Lucinha toma coragem e vira a cabeça para ver quem é o dono daquela voz, a única coisa que ela sabe é que se trata de uma criatura que fala e mia. Mas isso não ajuda muito a revelar a identidade do dono da voz misteriosa, pois hoje em dia assombração que fala, mia, assovia, late, canta e dança não é mais novidade. Foi-se o tempo que fantasma vestia lençol branco e só conseguia falar “buuu”. Mamãe diz que é porque as pessoas já não se assustam mais com qualquer bobagem. Por isso Lucinha não tem a mínima ideia do que encontrará quando se virar e encarar a tal criatura que fala e mia.

É apenas um gato falante, lógico. O que mais poderia ser?

Há um gato marrom sentado na cama de Cal.

Um gato com olhos da cor de mel. Elegante. Gordo. Com voz de cantor romântico. Diagnóstico? Assombração, sem sombra de dúvida. E você ainda tinha alguma dúvida?

Esqueça tudo o que você sabe sobre gatos. As pessoas, principalmente as adultas, parecem até que ganham biscoito pra falar mal dos

gatos. Depreciam os gatos, ridicularizam os gatos. Desconfie dos gatos, é o que latem por aí.

– Olá, minhas crianças. Um miau respeitoso pra vocês.

– Olá... – responde Lucinha, enquanto Cal se prepara para alguma surpresa desagradável. Gatos não são exatamente os seres mais confiáveis do mundo, em qualquer mundo, é o que mamãe gosta de dizer.

– Muito obrigado pelo convite, crianças. Que lugar agradável vocês têm aqui! Pela decoração, certamente é o seu quarto, não é, garoto?

– É... – responde Cal, encarando a criatura. Lucinha aproveita que as atenções estão voltadas para seu irmão e olha discretamente para o medalhão no pescoço do gato. Foi a primeira coisa que notou ao se virar, um pedaço quadrado de metal azul, prateado, azul, azul, azul, tão azul, tão bonito que dá vontade de não tirar os olhos dele nunca mais.

– Hummm. Vejo que vocês são crianças muito finas e inteligentes. Os dois sabem prestar atenção às coisas e são tão especiais que até me dá vontade de miar de felicidade.

Só os gatos são capazes de tamanha educação e sincera demonstração de sentimentos. Quando os gatos ficam se esfregando na sua perna ou apenas parados, balançando o rabo e olhando pra você, na verdade eles estão dizendo “eu te amo”. Cachorros fazem aquela festa toda, e latem e pulam em cima da gente, mas eu garanto que não passa de falsidade. Quando a noite chega e eles estão sozinhos, os cães falam mal de seus donos. Vou contar um segredo: os cães não latem no meio da noite por que algum perigo se aproxima da sua casa. Não, na verdade eles estão trocando fofocas pra todo mundo ouvir, reclamando de você e da sua família. Todos latem ao mesmo tempo, é uma sinfonia noturna de fuxicos. Eles estão contando os segredos de seus donos uns aos outros. Cães são cínicos. Gatos, transparentes.

Felinos são incapazes de fingir ou falar mal de seus donos. Felinos são cavalheiros, bichos de fina estampa. Cães? Eu nem gosto de falar destes animais, pois me arrepiam os bigodes.

– Quem é você? O que tá fazendo aqui?! – pergunta Lucinha, mais incomodada com aquela presença inesperada do que com o fato de o gato estar falando.

– Meu nome é Gilles. Bom, acho que estou aqui porque fui convidado – diz o visitante, arqueando ligeiramente as sobrancelhas, para demonstrar seu espanto felino diante de uma pergunta tão sem sentido. – De qualquer maneira, muito obrigado pela gentileza, Cal e Lucinha.

– Como é que você sabe nossos nomes? Quem deixou você entrar?!

– Calma, menina, assim você terá um ataque do coração. Cal e Lucinha, seus lindos nomes estavam no anúncio, lembram?

– Espera aí... – diz Cal, levantando o dedo como se quisesse pedir a palavra e entrar na conversa sem atrapalhar ninguém. – O senhor tá falando do anúncio que a gente acabou de colocar na internet?! Mas não tem nem 20 segundos que Lucinha...

– Olha, eu não quero parecer mal-educada – interrompe Lucinha, encarando o gato –, mas não era pra aparecer na nossa casa sem avisar. Era pra responder o formulário primeiro, aí eu e Cal íamos ler sua resposta com calma, e só depois a gente ia dizer se você podia ou não vir pra nossa casa.

– Para que perdermos tempo com essas burocracias, Lucinha? Eu só fiz adiantar as coisas. Nem tudo na vida precisa acontecer assim tão de-va-gar. Mas eu posso ir embora. Tudo bem. Se vocês desejam me colocar no olho da rua, nesta cidade imensa e desconhecida, não tem problema. Eu me viro, posso sair rondando por aí, vagando pelos becos, desencantado da vida...

Você já viu algum gato chorando? Não? Nem eu. Os olhos deles podem até ficar lacrimejando por conta de alguma infecção, mas gatos não choram. Cachorros, sim. O uivo canino é a canção de saudade pelos donos ausentes. Gatos não choram porque não têm sentimentos de verdade. Então se algum dia você vir um gato chorando na sua frente, coloque seu rabinho entre as pernas e saia correndo. É assombração, com certeza. E fingimento.

– Sr. Gilles, ninguém aqui está expulsando o senhor, sabe?

– Mas você também não pode aparecer assim desse jeito na nossa casa. Tinha que preencher o formulário e esperar. Além do mais, nosso convite era apenas pra assombrações amigas de mamãe, né? Ela não suporta gato, e você é um gato, então não é amigo dela! Acho melhor você ir embora agora, por favor, Gilles.

– Eu achei que estava sendo convidado por vocês.

– Achou errado. Sentimos muito, mas você não pode ficar.

– Desculpem-me pelo mal-entendido então. Mas, de qualquer maneira, crianças, eu não vou embora – diz o gato Gilles e desaparece.

Um dos maiores defeitos que estes felinos domésticos têm é a capacidade de nos confundir com seu cinismo, falsidade e mensagens de duplo sentido. Você nunca saberá o que realmente se passa na cabeça de um gato quando ele fica se esfregando na sua perna ou apenas parado, balançando o rabo e olhando nos seus olhos. Tenha medo. Talvez ele esteja apenas odiando o mundo com todo coração e silêncio.

– Poxa, Lucinha, não precisava mandar o Sr. Gilles ir embora assim tão rápido. A gente poderia ter procurado na internet algum hotel ou pousada pra ele. Acho que não fomos muito legais com o Sr. Gilles. E se ele for algum monstro do tipo “grrrrraaaa! Grrrrrauuu!” e se sentiu ofendido? Eu não quero virar ração de gato assombrado.

– Cal, deixa de ser medroso. Eu não gostei dele, e pronto, acabou.

Como é que aparece assim na casa dos outros, de surpresa, com aquela cara sonsa? Já foi tarde.

– Foi nada. O Sr Gilles disse que não ia embora, não ouviu?

– Cal, quer parar com essa bobagem de “Sr. Gilles”? Não sei pra que essa formalidade toda.

– Ah, Lucinha... O Sr. Gilles me pareceu um gato de muito respeito.

Um espirro, no gabinete. Deu para ouvir, mesmo com a porta do quarto de Cal fechada. Outro espirro, mais alto do que o primeiro. Depois, outro, outros e mais um tanto. Então, silêncio. Mais silêncio. Passos leves correndo pela casa. Sons de gavetas e portas se batendo. E mais passos apressados. Agora estão vindo em direção ao quarto de Cal. Parou. Dá para ver a sombra por debaixo da porta. A maçaneta é nova, mas range enquanto está sendo virada. A porta se abre lentamente, rangendo, embora também seja nova. A luz que vem do corredor invade o quarto, e uma criatura entra quase cambaleando, corpo curvado, olhos vermelhos.

– Cadê meus lenços, seus diabinhos? Se continuar espirrando assim, eu morro, meus filhos.

Desde as cinco da manhã, Clara estava trabalhando feito um zumbi. Nem parou para almoçar direito. Depois que decidiu terminar a dissertação do mestrado até o final do mês, passava a maior parte do tempo trancada no gabinete, ela, o notebook, seus livros e os papéis da pesquisa que estava fazendo. Os filhos até que entendiam a dedicação da mãe, afinal de contas, se ela pediu licença do trabalho de professora na universidade, então o tal texto do tal mestrado deve mesmo ser uma coisa importante, né, crianças?

– A gente não pegou seus lenços não, mãe – responde Lucinha, por ela e pelo irmão, antes que Cal abra a boca para falar alguma bobagem a respeito do anúncio na internet e do convidado indesejado.

Boa tentativa.

– Mãe, a senhora tem algum gato amigo? – pergunta Cal, coçando uma barba imaginária.

– Tenho o quê, criatura?! – diz Clara, em meio a mais meia dúzia de espirros.

– Gato amigo, do tipo que fala, sem ser só “miaaau, miaaau”. Gato assombração, sabe?

– Eu não gosto muito desse termo, “assombração”, né? – E mais espirros. – Mas, não, não tenho nenhum amigo assim, meu filho. Do jeito que sinto alergia a pelo de gato, não ia dar muito certo essa amizade, né? Por que você está perguntando isso?

– Bobagem de Cal, mãe – diz Lucinha, tentando desviar o assunto. – Como é que tá seu trabalho?

– Dando trabalho... Mas, por falar em gato, filha, a última vez que eu fiquei assim foi na casa de seu tio Aldemir, e por causa de pelo de gato – diz Clara, e começa a fuçar as gavetas da mesa de estudos de Cal, procurando por seus lenços. – Era tanto bichano que eu tive uma crise de espirro das feias. Ave-maria! Era gato verde, gato azul, gato com olho de duas cores, gato de unha pintada, gato de cabeça quadrada, era muito gato, viu? Só de ver aquelas pinturas na parede meu nariz começou a coçar na hora. Ah! Lembrei onde estão meus lenços! Desculpem-me, fui eu mesma que escondi. Fui! Beijinhos!

E bate a porta do quarto. Passos no corredor. Uma gaveta se abre. Um grito de comemoração. Som de alguém assuando o nariz. Mais passos pela casa, e o barulho da porta do gabinete se fechando. Depois de tudo, silêncio novamente no apartamento. Depois do silêncio... um miado. Em cima da cama de Cal. De novo. Um gato. Elegante. Gordo. Entediado da ponta do bigode ao último pelo do rabo.

– Adorei o apartamento. Até fiquei com a vontade de marcar logo meu território, como manda a tradição felina.

– Espere aí, Sr. Gilles! – diz Cal, levantando o dedo. – Eu tenho caneta, tinta, fita crepe, adesivo, é só falar.

– Obrigado, mas acho que prefiro o método tradicional – responde Gilles, piscando para Cal.– Brincadeira. Ainda que eu não seja a criatura mais fina deste mundinho, tenho modos acima da média. Crianças, sem querer ser deselegante, mas onde exatamente eu dormirei hoje, quando voltar do meu passeio noturno? Não sei o que me aguarda nos 20 andares do seu prédio, mas tenho esperanças de que essa será uma noite movimentada e assustadora. Espero me divertir bastante, torço pra que ainda haja um pouco de medo guardado pra mim em algum lugar destas cabecinhas assustadas. Ui, ui, acho que não gostei da sua cama, nobre Cal.

– Não vem com essa conversa fiada, Gilles – diz Lucinha, encarando o gato. – A gente já confirmou que você não é amigo de mamãe.

– Querida, eu nunca disse que conhecia sua mãe.

– Tóin! É verdade, Lucinha, o Sr. Gilles nunca afirmou isso – diz Cal, sem se tocar que estava ajudando o gato, mas se calando ao perceber o olhar irritado da irmã.

– Não importa, Gilles, você vai ter que ir embora assim mesmo. Não era pra você aparecer na nossa casa, era pra responder o formulário e esperar nossa resposta, entendeu? Já explicamos isso várias vezes. Não sei o que você ainda está fazendo aqui.

– É, você já explicou de forma bem clara, mas acho que não vou embora não.

– Vai sim, Gilles. Mamãe tem alergia a gato.

– Ela já foi ao médico ver isso, menina?! Não tem coisa pior do que alergia, nariz entupido, lágrimas nos olhos, garganta coçando; é um fardo que a pessoa carrega na cabeça toda. Sua mamãe deveria procurar um médico o mais rápido possível. Como é mesmo o nome do médico que cuida desta parte do corpo?

– Otorrinolaringologista! – diz Cal, de imediato. – Mas no caso do senhor, talvez seja veterinário. Quer dizer, não sei, Sr. Gilles. Quando o senhor fica doente, vai no médico de gente ou no médico de bicho?

– Humm... Depende do dia da semana e da parte do corpo que está doendo.

– Parem com essa conversa, vocês dois! – grita Lucinha. – Gilles, eu estou pedindo com educação: por favor, saia do nosso apartamento.

– E eu estou respondendo com a mesma educação: não sairei agora do “nosso” apartamento. – E deita-se na cama de Cal, fazendo aquela cara de “eu não tô nem aí”, que só os gatos são capazes de fazer.

– Sai daqui, seu gato chato, agora!

– No seu lugar, menina, eu não falaria comigo nesse tom arrogante. Eu nasci há 10 mil anos atrás, e você não imagina do que eu sou capaz – pensa Gilles, mas tudo que faz é continuar calado, lábios tremendo, e presentear as crianças com o olhar mais triste do mundo e um miado sufocado de bichano magoado.

Você sabe como um cachorro ameaça uma pessoa? É assim: o cachorro mostra os dentes, o corpo se curva como um arco armado, um rosnado baixo sai da garganta e as pernas ficam tensionadas como se ele fosse se atirar em sua direção. O cidadão canino dá todos os avisos, dizendo “afasta-te, humano, corre, que estou com raiva!”. O nome disso é luta honrada. O nome disso é etiqueta e classe. Parece fúria, mas é apenas o cachorro lhe dando a opção de sair correndo e se salvar, caso não queira duelar. Interessante, não? Agora, sabe como um gato ameaça uma pessoa? Ele não ameaça, não dá nenhum aviso. O gato simplesmente fica se esfregando na sua perna ou apenas parado, balançando o rabo e olhando para você, porque ele não quer mostrar que o próximo passo será fincar as garras na sua perna.

– Sinto muito – diz Lucinha, com certo arrependimento por ter falado daquele jeito. Por mais que o gato estivesse errado e de pirra-

ça, aquilo não era maneira de se tratar ninguém. – Mas você vai ter mesmo que ir embora.

– Eu que peço desculpa, criança. Peço desculpas por minha presença ser um incômodo para vocês... Mas não estou a fim de ir embora agora.

– Ai, que raiva desse gato! Cal, abre a boca, acorda, faz alguma coisa!

Enquanto Lucinha discutia à toa com Gilles, Cal consultava toda a sua vasta experiência e os conhecimentos de um garoto de 10 anos. Imaginava que havia no universo umas vinte maneiras diferentes de mandar aquele gato assombrado de volta para o além. As respostas estavam flutuando ao vento, era só escolher a melhor, esticar o braço e pegar. Tudo que Cal precisava era se isolar em seu silêncio, analisar as opções e decidir. Pelo sorriso que aos poucos se forma no canto da boca do garoto, dá para ver que ele encontrou uma resposta adequada. É um sorriso que quase não sai, daquele que só sabe sorrir quem descobre um segredo. Lucinha respira aliviada, pois conhece bem o irmão e tem certeza de que a solução do problema já está pronta. Gilles que se cuidasse, pois Cal ia botar ele pra correr brincando.

O gato também vê o sorriso do menino e acha engraçada aquela alegria escondida no canto da boca. Uma coisa assim cínica e misteriosa, um jeito meio felino de ser. Uma vez, há séculos, um homem muito curioso olhou para Gilles, pediu que ele ficasse quieto e pintou um quadro com um sorriso igualzinho ao do garoto. O homem gostava da curva enigmática que a boca de Gilles fazia, mas o que ele pintou no quadro não era um gato, era uma mulher. No entanto, se amanhã você for ao Museu do Louvre e olhar de relance para a pintura, notará que aquela mulher no quadro é definitivamente um gato, o gato Gilles. Em agradecimento à homenagem, o felino prometeu ao homem a imortalidade. Claro que Gilles não tinha poder para tanto,

mas o homem agradeceu assim mesmo, e sorriu como um irmão da sua espécie.

– Lucinha, sabe aquele livro dos gatos que a gente leu na casa de Laura? Lembra? – pergunta Cal, encarando Gilles.

– Não lembro não, Cal.

– Tudo bem... O Sr. Gilles tem outro nome, Lucinha. Todo gato tem outro nome, um nome que só ele sabe, um nome secreto que o gato não conta pra ninguém. Esse é o nome que ele mesmo escolheu. É um nome tão secreto que ele nunca pronunciou, a não ser em pensamento, porque o gato não quer que ninguém descubra este nome, como diz no livro, lembra?

– Lembro não, Cal, eu já disse!

– Um gato, Lucinha, é capaz de sacrificar seis vidas só pra proteger seu nome secreto – diz Cal, sem tirar os olhos do inimigo.

Gilles ouve atento, também sem tirar os olhos do garoto. Eles se encaram em silêncio, dois *cowboys* prontos para um duelo em uma cidade empoeirada do Velho Oeste americano. Mal piscam, como se a qualquer momento alguém fosse dar o primeiro passo ou uma tempestade inesperada pudesse surgir do nada levando a casa pelos ares.

– Se a gente descobrir o nome secreto dele, Lucinha, a gente ganha poder sobre o Sr. Gilles, e ele terá que nos obedecer e ir embora. Por isso que ele esconde esse nome que só ele conhece.

A grande maioria das pessoas nunca chegará perto de entender a alma de um gato. Porque, no final das contas, gatos são como... pessoas. Gatos são o que há de mais próximo ao ser humano no reino animal. Esqueçam o jeito do chimpanzé ou o falatório do papagaio. Esqueçam a suposta inteligência do golfinho ou a memória do elefante. Nada disso é sinal de alguma humanidade. Se você parar de preconceito e gastar um pouco do seu tempo observando os gatos,

talvez tome um susto tão grande, que nunca mais será o mesmo. Porque, ao olhar atentamente para a criatura, você pensará que está olhando para um espelho e vai finalmente descobrir que gatos só não são pessoas por uma pirraça da natureza.

– Certo, Cal, mas como a gente vai descobrir o nome secreto de Gilles? Meio difícil isso, né? – cochicha Lucinha ao ouvido do irmão, com medo de que o outro ouça e saiba o que eles tramam.

– Ele mesmo vai contar pra gente, Lucinha – responde, encarando o gato, como se falasse para o bicho e não para a irmã. – Não tira os olhos dele. Daqui a pouco, o Sr. Gilles deixa escapar alguma coisa, porque a gente tá de olho nele, esperando ele vacilar, esperando ele fazer qualquer coisa que revele o nome secreto dele... Não tira os olhos!

Lucinha agora encara o gato, em silêncio, como o irmão. Gilles olha para aquelas duas crianças e as acha a coisa mais divertida que já cruzou seu longo caminho. O gato sente saudade de um tempo em que o ser humano conseguia entender o mundo com muito mais alegria e poesia. Uma época em que todas as coisas podiam ser explicadas por todas as pessoas, de maneiras diferentes, sem que nenhuma delas estivesse errada. Há muitas décadas, ele não encontra crianças como Cal e Lucinha. Gilles já habitou os pesadelos de presidentes, magos, mendigos e escritoras. Quando mil gatos sonham ao mesmo tempo, eles sonham com Gilles. Foi amigo do rei e viu o espanto crescer nos olhos de cada uma das pessoas que teve a sorte de cruzar seu caminho. Suas histórias são contadas há séculos. Ao olhar para Cal e Lucinha, o gato Gilles sente uma vontade enorme de rir, mas não com aquele sorriso misterioso que o homem pintou no quadro; queria rir com todos os dentes da boca e cada fio do bigode. E também não era vontade de humilhar ou assustar as crianças; era vontade de convidá-las para gargalharem juntos, como irmãos felinos, como bons amigos

se lembrando de alguma piada da velha infância.

Esqueça tudo que lhe disseram sobre as pessoas. Existem gatos que certamente recebem uma porção extra de ração pra falar mal do ser humano aí pela vizinhança. Não acredite em tudo que certos bichanos saem espalhando pelos becos e telhados, como se fosse possível definir uma pessoa com dois ou três miados. Quando um menino ou uma menina fica esfregando a mão no nosso pelo ou apenas parado olhando pra gente, na verdade o que ele ou ela está dizendo é “eu te amo, bicho”. Se você deixar de lado o preconceito e gastar um pouco do seu tempo observando a humanidade, talvez tome um susto tão grande que você nunca mais será o mesmo gato de sempre. Porque finalmente descobrirá que as pessoas só não são gatos por uma pirraça da natureza.

Gilles levanta calmamente a pata esquerda e, em um gesto lento, pousa a pata sobre o medalhão em seu peito, como se quisesse esconder o quadrado e seu brilho azul metálico da vista das crianças. Lucinha aperta de leve a mão de Cal. Ela sabe.

– Brilhinho azul... seu nome secreto é brilhinho azul – diz a menina, apertando um pouco mais a mão do irmão.

Gilles dá um sorriso, faz um aceno com a cabeça, balança o rabo três vezes, pisca o olho esquerdo e some lentamente, como se o vento das seis da tarde passasse por ali para levá-lo embora.

Na mesma hora, Cal e Lucinha correm para o computador, para retirar o anúncio da internet. A ideia de convidar assombrações para passar um tempo na casa deles até que foi boa, feita com a melhor das intenções. Mas essa primeira experiência mostrou que as coisas poderiam não sair exatamente como eles haviam imaginado. De certa maneira, deram sorte porque, apesar de chato, o convidado não era uma ameaça nem nenhum monstro de sete cabeças. Não querem mais arriscar.

– Essa foi por pouco. Se eu não adivinho o nome secreto dele, já era – diz Lucinha, depois de confirmar a exclusão definitiva do anúncio.

– Não esqueça que a ideia foi minha. Ufa!

– Meio a meio. Parabéns pra gente!

Cal e Lucinha sentem-se aliviados, mas também tristes. O garoto senta-se em sua cama, exausto, enquanto Lucinha desliga o computador. Ele ainda está pensando no tanto de coisa legal que não vai mais acontecer porque o anúncio foi apagado. Uma pena.

– Eu também acho, Cal, mas é melhor assim, a gente deu sorte que Gilles era apenas um gato chato. Agora que eu tô pensando com calma, não sei, acho que nossa ideia do anúncio foi meio perigosa, né? Já imaginou que tipo de assombração desconhecida poderia ter aparecido aqui, sem antes enviar o formulário de contato? Lobisomem, dragão do mal, alma penada. Meu Deus do céu, que medo, Cal! Por que a gente achou que só assombração amiga de mamãe ia ver o anúncio?! Realmente, essa nossa ideia foi totalmente sem noção e...

– Lucinha, para de falar e olha isso na minha cama!

Há um livro na cama de Cal.

Tem a capa dura, marrom. É antigo. Grosso. Muito elegante. Com jeito de livro de biblioteca de padre. Diagnóstico? Assombração! Sem sombra de dúvida.

– Calma, Cal, a gente já apagou o anúncio na internet, né? Este livro deve ser um presente que Gilles deixou pra gente, pra se desculpar – diz Lucinha, sentando-se na cama e abrindo o livro com medo de alguma pegadinha daquele gato insuportável. O livro parece escrito à mão, e o papel amarelado tem uma textura diferente, como pele de animal. E há muitos desenhos de plantas, frutas, verduras, panelas, colheres e xícaras. Será um livro de receitas?

– Lucinha, eu não tô entendendo nada do que tá escrito. Que lín-

gua é essa? Pra que o Sr. Gilles nos deu um livro que a gente não pode ler?

– Sei lá, Cal. Vai entender cabeça de assombração. Depois a gente vê isso. É melhor ir jantar antes que mamãe entre no quarto e veja o presente de Gilles. Onde é que a gente vai esconder ele?

– Na minha estante, né?

– Cal, você sabe mesmo o significado da palavra “esconder”? Se papai ou mamãe virem este livro, a gente vai ter que contar sobre aquele gato, e aí a gente também vai ter que contar do anúncio na internet, mesmo já tendo apagado. Por enquanto, vamos esconder debaixo da sua cama.

– Não acho nada disso certo, nem esconder essa história de papai e mamãe nem deixar um livro assim no chão.

– Eu também não acho certo – diz Lucinha, enquanto coloca o livro debaixo da cama de Cal. – Mas, por enquanto, é o jeito. Amanhã a gente dá um jeito na situação, conta tudo pra eles dois e guarda o livro em outro lugar melhor! – Puxa o irmão pelo braço e sai do quarto batendo a porta.

Certamente por também pensar do mesmo jeito, o livro decide mudar de lugar. Primeiro ele desliza pelo chão, calmamente, para não fazer barulho. Depois, abre-se exatamente ao meio, com a capa virada para cima, e bate as páginas como asas de um beija-flor gordo do outro mundo. O livro levanta voo zunindo, dá uma volta pelo quarto e para diante da estante de Cal. Ele está a 1 metro e meio do chão, planando sem pressa. Então escolhe um lugar e avança, encaixando-se carinhosamente entre *A Bússola de Ouro* e *A Bolsa Amarela*.

Olá, ser humano!

Muito obrigado por seu interesse em “Bem-vinda assombração”.

Espero que tenha gostado!

O livro completo você pode adquirir em assombrada.com.

Ah! Pode compartilhar esta amostra com seus amigos!

Até mais!

